

Educação e formação de um pensamento de comprometimento com o bem comum: abordagens didáticas emergentes

Marilza Vanessa Rosa Suanno¹

Resumo: No presente artigo dialogo com duas obras de Stéphane Hessel (2011a, 2011b) e uma obra conjunta de Stéphane Hessel e Edgar Morin (2012) para introduzir a problemática da educação e da formação humana no contexto atual. Hessel (2011a) argumenta que é preciso aprender a indignar-se frente às injustiças, porém alerta (HESSEL, 2011b) que a indignação não é suficiente se não produzir capacidade de ação comprometida com a transformação da realidade que gerou a indignação. Enfatiza e valoriza a defesa do interesse coletivo, do bem comum e dos direitos universais para todos, em detrimento do afã individualista e consumista. Hessel e Morin (2012) sinalizam para um caminho de esperança. Nesse sentido, no campo didático, apresento algumas abordagens contemporâneas que visam ressignificar as discussões emancipatórias e críticas. Assim, apresento fundamentos da ação engajada, comprometida e esperançosa de quatro abordagens didáticas contemporâneas, quais sejam: Didática Intercultural (CANDAU, 2021), Didática Complexa e Transdisciplinar (SUANNO, 2015), Didática Sensível (D'ÁVILA, 2021, 2022), Didática Multidimensional Crítico-Emancipatória (PIMENTA, 2021, 2022). Apresento resultado copilado e religados de três pesquisas de cunho empírico e abordagem qualitativa desenvolvidas pela autora do presente artigo, sendo elas: “Trabalho docente e pedagogia universitária sob a ótica do pensamento complexo e da transdisciplinaridade” (CEP-UFG nº 331/2011-2015); “Formação de professores e didática emergente” (CEP-UFG PI02868/2018-2023) e “Campo didático em contraposição ao neoliberalismo e ao neotecnicismo: apontamentos sobre perspectivas interculturais, complexas, transdisciplinares e sensíveis” (UFNT, 2021).

Palavras-chave: Educação. Didática. Complexidade. Resistência. Comprometimento.

Education and formation of a thought of commitment to the common good: emerging didactic approaches

Abstract: In this article I dialogue with two works by Stéphane Hessel (2011a, 2011b) and a joint work by Stéphane Hessel and Edgar Morin (2012) to introduce the issue of education and human training in the current context. Hessel (2011a) argues that it is necessary to learn to be indignant in the face of injustices, but warns (HESSEL, 2011b) that indignation is not enough if it does not produce a capacity for action committed to the transformation of the reality that generated the indignation. It emphasizes and values the defense of the collective interest, the common good and universal rights for all, to the detriment of individualistic and consumerist eagerness. Hessel and Morin (2012) point to a path of hope. In this sense, in the didactic field, I present some contemporary approaches that aim to reframe emancipatory and critical discussions. Thus, I present fundamentals of the engaged, committed and hopeful action of four contemporary didactic approaches, namely: Intercultural Didactics (CANDAU,

¹ Doutora em Educação (UCB). Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás e do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/FE/UFG. <https://orcid.org/0000-0001-5892-1484>. E-mail: marilzasuanno@uol.com.br.

2021), Complex and Transdisciplinary Didactics (SUANNO, 2015), Sensitive Didactics (D'ÁVILA, 2021), Multidimensional Didactics Critical-Emancipatory (PIMENTA, 2021, 2022). I present results compiled and linked from three researches of an empirical nature and qualitative approach developed by the author of this article, namely: “Teaching work and university pedagogy from the perspective of complex thinking and transdisciplinarity” (CEP-UFG nº 331/2011-2015); “Teacher training and emerging didactics” (CEP-UFG PI02868/2018-2023) and “Didactic field in opposition to neoliberalism and neotechnicism: notes on intercultural, complex, transdisciplinary and sensitive perspectives” (UFNT, 2021).

Keywords: Education. Didactic. Complexity. Resistance. Commitment.

Introdução

A educação, a formação humana e o ensino são objeto de disputa, seja em âmbito nacional ou em âmbito internacional. Assim como seus objetos de estudo são trabalhados e investigados a partir de diferentes ontologias e epistemologias. Nesse artigo, introduzo apresentando aspectos da relação entre educação, sociedade e didática a partir de Hessel (2011a, 2011b) e Hessel e Morin (2012), para então, apresentar aspectos de quatro abordagens didáticas emergentes e contemporâneas (Didática Intercultural; Didática Complexa e Transdisciplinar; Didática Sensível e Didática Multidimensional Crítico-Emancipatória).

Hessel (2011a) no livro *Indignai-vos! Um alegato contra la indiferencia y a favor de la insurrección pacífica* faz um chamamento para que as pessoas se indignem, se comprometam e resistam contra a sociedade do dinheiro e do consumo. O autor resgatou, por meio de sua história de vida e de seu compromisso político, um conjunto de lutas, princípios e valores sobre os quais se assentaram a democracia moderna e realçou que no século XXI estes princípios e valores são mais necessários do que nunca. Alertou para um conjunto de riscos dos dias de hoje, dentre eles a perda das conquistas democráticas, sociais, trabalhistas e previdenciárias, bem como da liberdade de imprensa, seguridade social, dentre outros. Argumentou que o interesse geral deveria primar sobre o interesse particular e que deveríamos lutar em prol da distribuição justa das riquezas criadas pelo mundo do trabalho, e assim, enfrentar o desafio da superação das desigualdades sociais e econômicas, bem como assegurar a todos direitos humanos e construirmos, assim, alternativas para a atual situação do planeta.

O autor conclamou que tenhamos motivos para indignação, pois esse é um valor precioso e destacou que quando se tem algo com que se indignar, se deve converter essa indignação em comprometimento e luta. Por meio de uma militância engajada o cidadão passa a fazer parte da História e do esforço coletivo por dar prosseguimento à civilização do humano. Hessel (2011a) fez um chamamento para que possamos lutar por direitos universais e

conclamou para que se encontrarmos com alguém que não se beneficia deles, que possamos nos compadecer e ajudar a conquistar. Compadecer, por tomar consciência e lutar em prol dos princípios democráticos, direitos humanos e conquistas sociais. O autor relatou com vigor sua participação na elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), bem como o ineditismo e o papel da Declaração. ‘Direitos humanos’ é uma expressão e princípio de sentido universal que anunciaram ao mundo o humano em dimensão social e de viés único, interdependente e solidário. O autor considerou, em 2011, que “o futuro deve respeitar por igual os direitos humanos e da natureza” (HESSEL, 2011b, p. 72) e declarou sua confiança na capacidade das sucessivas gerações para tomarem em consideração seus problemas e se comprometerem, com responsabilidade, na superação dos mesmos.

Da indignação nasce da vontade de compromisso. Indignai-vos! Porém, sem violência. A não violência para Hessel é o caminho que devemos aprender a seguir. A indignação, o comprometimento e consequente ação engajada são desafios para transformar a realidade atual e, nesse sentido, é fundamental construir projetos e processos de formação humana que possibilite a formação de um pensamento de comprometimento com o bem comum, com a cidadania planetária e com a luta por direitos universais para todos.

Para tal, Hessel (2011a) destacou que é preciso conversar com os jovens, possibilitar que percebam o curso da História que nos possibilitou sermos o que somos, fazermos o que fazemos, termos o que temos e valorizar o que valorizamos. Ajudar os jovens a perceberem a sociedade atual, refletirem sobre os ditames do mercado financeiro, do consumismo, dos ideais de felicidade, das conquistas e perdas trabalhistas e democráticas. Refletir também sobre as lutas e os princípios pelos quais lutamos no último século. O autor nos convidou a refletirmos sobre: Contra o que resistimos? O que desejamos para o presente e para o futuro? O que fazemos em prol do que almejamos?

O autor, na obra analisada, argumentou em favor de uma educação capaz de instrumentalizar os cidadãos para os desafios da leitura da realidade e de suas contradições. Para ele, da indignação nasce a vontade de compromisso com a História, compromisso por salvaguardar as conquistas democráticas dos últimos séculos que foram construídas tendo por base valores éticos, de justiça e de liberdade. De tal modo, é preciso conhecimento, empatia e ampliação do campo de visão para aprender a indignar-se. Tais reflexões são um convite para a formação de um pensamento comprometido com o bem comum, rompendo assim com a inércia e a indiferença frente às injustiças, frente às perdas das conquistas trabalhistas, frente à perda da qualidade de vida e a atual escravidão do trabalho e do consumo.

Na obra *¡Comprometeos!: ya no basta con indignarse* (HESSEL, 2011b) há um convite para que o leitor reflita e se comprometa pessoalmente em ir além da indignação frente às barbaridades e as injustiças e, que, se mobilize para atuar efetivamente na vida cidadã, participando das lutas de nosso tempo, atento as questões em nível local, mas também atento e disponível para uma cidadania internacional de cunho planetário.

Nossa capacidade para nos indignarmos pode e deve nos levar no sentido de produzirmos ações construtivas e, com vigor, para superar a passividade e a indiferença. Assim, precisamos conjugar nossa capacidade de refletir, compreender e atuar e, assim, ampliarmos também a nossa capacidade de agir frente às mazelas humanas geradas com a ditadura dos mercados e com o aprofundamento das desigualdades, injustiças, violências, crises e agravamento das questões ambientais. Para o autor, a análise crítica precisa ser nutrida da capacidade de atuar, de tomar parte, de comprometer-se com as pessoas, as sociedades, o planeta e com um presente e futuro sustentável e viável. Uma aposta apresentada pelo autor está na cooperação entre os jovens de diferentes continentes e realidades, tal mobilização ampliaria a consciência planetária, a compreensão sobre a diversidade e poderia gerar ações conjuntas, além de dar sentido à vida.

Ao ser entrevistado, sobre sua história de vida e luta, Hessel (2011b) resgatou aspectos da Resistência Francesa e do contexto da Segunda Guerra Mundial, porém propôs que criemos *resistências contemporâneas*, pois há situações insuportáveis contra as quais devemos produzir respostas e reagir na conjuntura atual. O autor convocou para que possamos nos mobilizar no enfrentamento de um conjunto perverso de aspectos socioeconômico e cultural, que permitem a coexistência por um lado da pobreza extrema e, por outro lado, da riqueza acumulada nas mãos de poucos.

Resistir às injustiças. É um convite e uma incitação que Hessel apresentou como desafio para irmos além da participação em eleições na escolha de governantes, é preciso agir, produzir vias contra-hegemônicas que sejam efetivas e concretas. Para o autor, “existem coisas escandalosas ao nosso redor que devem ser combatidas com vigor” (HESSEL, 2011b, p. 23).

A proposição é que possamos religar, na formação escolar, a capacidade de produzir resistência intelectual de viés argumentativo, por meio de textos e análises, com a capacidade de mobilizar-se e agir. Para o autor o desafio é como conseguir uma atitude crítico-reflexiva que desemboque em um compromisso de efetivação prática. Para tal, a juventude deveria participar mais da vida política, tomar partido, comprometer-se, valer-se de sua liberdade de expressão, correr riscos (no sentido de lutar pelo que compreende como sendo justo e correto). O autor argumentou em favor do exercício da cidadania, no acompanhamento constante dos

debates nacionais e na capacidade efetiva de influenciar nas decisões de seu país, tomando para si a vivência de um princípio democrático primordial: a participação. E destacou que uma questão contemporânea é participar, também com um olhar global.

Para o autor as mudanças podem ser produzidas por meio da cooperação entre forças implicadas em torno de uma causa. Conjuntamente pode-se produzir ações que possam pacificar, decolonizar e produzir soluções para problemas graves. Como o vivenciado por ele ao longo dos anos que trabalhou com ONU.

De acordo com Hessel (2011b) na atualidade nos deparamos com múltiplos desafios e estes estão articulados, como por exemplo: proteger a democracia; enfrentar as violências latentes em todas as sociedades; combater injustiças; enfrentar a questão da degradação do meio ambiente e o aquecimento global; investir em educação, saúde e agricultura; conjugar agricultura em larga escala e agroecologia; educar para a consciência ecológica, a responsabilidade socioambiental e a cidadania planetária. De tal modo, o autor problematizou sobre a necessidade rever a relação dos seres humanos e a natureza, bem como apontou para a necessidade de compreendermos melhor a natureza e protegê-la.

Para produzir outras vias é importante que se construa interações entre conhecimento, consciência e estratégia, para assim, de modo multidimensional e multirreferencial, construir implicação entre partes e todo. Para Hessel (2011b) vivemos em um mundo de interdependências na qual as mudanças só podem se dar todas juntas, o que implica solidariedade.

O autor exemplificou que é possível construir alternativas para a geração de renda e produção, pois “Existem alternativas. Formas de economia solidária que podem coexistir com formas capitalistas” (HESEL, 2011, p. 62). E ao analisar a relação entre o local e o global, o emergente e a lógicas hegemônicas, o autor recorreu a Epistemologia da Complexidade e ao conceito de ecologia da ação como apostas para explicitar interações, recursividades, retroações, bem como avanços e retrocessos sociais. Nesse sentido reconheceu que “resistir é criar, criar é resistir” e, assim, considerou que devemos criar, pois não basta resistir.

Para Hessel (2011b) a ausência de uma Organização Mundial para o Meio Ambiente – OMMA enfraquece a luta pela pauta ecológica e ambiental. Argumenta que se criou a Organização Mundial para o Comércio – OMC para defender os interesses econômicos e empresariais, mas ainda não tivemos uma comunidade internacional que fizesse frente a OMC e ao Fundo Monetário internacional – FMI apontado para as polícrises atuais e a necessidade de uma governança global com estratégia mundial para funcionamento da economia e sua regulação, bem como para a proteção e defesa do meio ambiente.

As obras nos convidam a reflexão e proclamam que da indignação nasça o comprometimento e a disposição para a resistência e para a criação de outras vias possíveis. A educação, a formação humana e a didática podem contribuir nesse sentido se criar e gestar abordagens que toquem no apontado por Hessel (2011a, 2011b), bem como nos caminhos esperançosos anunciados por Hessel e Morin (2012) com a reforma política; a revitalização da democracia e da solidariedade; a política do bem-viver; a conjugação entre democratização do ensino e a reflexão em torno dos sete saberes necessários a educação do presente e do futuro (MORIN, 2000); reconhecimento, valorização e autonomia dos docentes, dentre outros.

Desenvolvimento

As didáticas emergentes que serão apresentadas na sequência são sistematizações e reflexões produzidas a partir de três pesquisas articuladas, desenvolvidas pela autora do presente artigo. Tais pesquisas têm Edgar Morin e Stephane Hessel como referência, nesse sentido o que se apresenta no desenvolvimento do artigo se encontra em estreito diálogo com as questões introdutórias apresentadas para contextualizar a situar a problemática contemporânea.

A primeira pesquisa (SUANNO, 2015) teve como um de seus objetivos gerais compreender a didática emergente na perspectiva complexa e transdisciplinar, já a segunda pesquisa (SUANNO, 2018-2023) visou compreender o processo de ressignificação do estatuto da didática na contemporaneidade e pensar complexo sobre abordagens didáticas críticas, emancipatórias, criativas e inovadoras que despontam como iniciativas marginais e visam (re)construir práxis efetivas em favor da transformação social e, assim, contribuir com o enfrentamento do cenário de retrocessos humanitários, políticos, sociais e educacionais vivenciados pelo Brasil nos últimos anos. A terceira pesquisa (SUANNO, 2021) procurou identificar as bases teórico-metodológicas de perspectivas didáticas interculturais, complexas, transdisciplinares e sensíveis, bem como suas contraposições ao neoliberalismo e ao neotecnismo. Metodologicamente a primeira pesquisa foi empírica e exploratória e as outras duas foram revisões sistemáticas de literatura. Tais pesquisa partiram da premissa de que o modo de trabalhar didaticamente relaciona-se ao modo de trabalhar epistemologicamente.

Para Vera Candau (2021) a escola como um espaço de cruzamento de culturas e anuncia que: a Educação Intercultural parte da afirmação da diferença como riqueza. Promove processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos (individuais e coletivos), saberes e práticas na perspectiva da afirmação da justiça (social, econômica, cognitiva e cultural), assim como da

construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade, através de políticas que articulam direitos da igualdade e da diferença.

A autora reconhece que as diferenças são constitutivas da democracia e ao problematizar igualdade e diferença questiona invisibilidades, preconceitos e relações de poder entre diferentes grupos socioculturais. De tal modo, busca promover processos de ensino e de aprendizagem dialógicos, democráticos e interculturais no intuito de promover relações igualitárias entre sujeitos e grupos, bem como reconhecimento e respeito à diversidade, às diferenças de grupos socioculturais, étnico-raciais, de gênero, orientação sexual, religiosos, linguísticos, dentre outros.

A referida abordagem rompe com a visão essencialista das culturas e das identidades culturais, por compreender que as culturas estão em contínuo processo de construção, desestabilização e reconstrução. Em vista disso, a didática intercultural, ao trabalhar as diferenças culturais, coloca em pauta questões relevantes e pertinentes, assim como empodera sujeitos e grupos historicamente inferiorizados. Favorece a criação de espaços escolares interculturais e de convivência respeitosa. E incorporam nas temáticas em estudo e na ecologia de saberes questões como ancestralidades, cosmovisões, hibridismos e novas identidades culturais.

A Didática Intercultural se revelou indignada com a monocultura, o eurocentrismo, discriminações de toda natureza e se comprometeu com justiça (social, econômica, cognitiva e cultural) por compreendê-la “mais adequada para a construção de sociedades, democráticas e inclusivas, que articulem políticas de igualdade com políticas de identidade” (CANDAU, 2008, p. 51), políticas que articulam direitos de igualdade e de diferença. Anunciam esperança de que a escola se reconfigure para reconhecer os sujeitos, as pautas apresentadas e, assim, venha a promover diálogo democrático entre culturas.

A educação, inspirada da Epistemologia da Complexidade e na Transdisciplinaridade, sinaliza para a intencionalidade da promoção simultânea de metamorfoses individuais, sociais e antropológicas (MORIN, 2011), orientada pela reforma do pensamento e pelo desafio de guiar-se por um novo estilo de pensamento complexo, com intencionalidades religadoras e orientadas por princípios e operadores-cognitivos. Uma formação humana preñe de reflexões filosóficas, questionamentos existenciais, questionamentos em torno dos conhecimentos acessados e produzidos, nutrida pela aventura da busca por um conhecimento pertinente.

A Didática Complexa e Transdisciplinar (SUANNO, 2015) reconhece a complexidade do ser humano, da realidade e do conhecimento, assim como das relações produzidas pelos sujeitos cognoscentes com a vida, o viver, a produção da existência, a compreensão de si, da

natureza, dos contextos e dos saberes. Gerativo de processos de ensino e de aprendizagem em torno de metatemáticas situados e contextualizados e de problemáticas da civilização e do mundo contemporâneo. Com elaboração de estratégias pedagógicas que articulem objetividade, subjetividade e intersubjetividade; razão, emoção e corporeidade; sentipensar, criar e pensar-agir; compreensão como capacidade intelectual, compreensão da condição humana, compreensão da identidade terrena e da pertença planetária.

De maneira tal, visa o desenvolvimento integral do ser humano e a ampliação de seus níveis de percepção, sensibilidade, compreensão, criatividade, expressão e consciência. Bem como capacidade de compreender e transformar a si e a realidade. Por essa razão valoriza-se a multidimensionalidade e a multirreferencialidade nas atividades de estudo, problematização, vivência e reflexão sobre os fenômenos estudados e os modos de apreensão do mesmo. Uma perspectiva formativa orientada por uma racionalidade aberta que busca apreender sentidos e significados na relação com a ecologia de saberes, com a estética, com ética da solidariedade, responsabilidade e amorosidade. Intenciona a criação de um novo estilo de vida mais solidário, saudável, ecológico e poético, no entanto, Morin (2011) expressa que está consciente de que a possibilidade de mudar o caminho do capitalismo é cada vez mais improvável, porém não é impossível. E questiona que talvez não seja tarde demais para mudarmos de via. O autor propõe que mudemos nosso caminho, nossas apostas e estratégias para, quem sabe, construir outras possibilidades para a vida em sociedade e para a vida no planeta. Analisa que, se um sistema não é capaz de resolver seus problemas vitais, esse sistema se degrada, se desintegra, se revela e/ou muda de direção, se mostrando capaz de gerar um metassistema, uma metamorfose social, individual e antropológica (SUANNO, 2016).

A Didática Complexa e Transdisciplinar aposta na complementaridade, na coexistência entre ensino disciplinar e transdisciplinar, bem como na relação com o saber que comporta incertezas. Propõe-se o imbricamento entre conhecimentos, culturas e histórias de vida em processos auto-co-ecoformativos geradores de aprimoramento individual, comunitário, social e planetário. Portanto, programas de aprendizagem, processos de ensino com pesquisa e de ensino com extensão deveriam oportunizar vivências, reflexões e experiências com pluralidade de vozes e olhares superando, de tal modo, os limites da fragmentação do conhecimento e da disciplinaridade, construindo assim, complementaridades e coexistência entre disciplinaridade, interdisciplinar e transdisciplinar em contextos educacionais. “Pensar complexo é um desafio, um convite, uma aposta, uma outra via à ciência e à educação” (SUANNO, 2022, p. 67).

A Didática Complexa e Transdisciplinar indigna-se com as cegueiras do conhecimento, a linearidade do pensamento, a fragmentação do conhecimento, os limites da disciplinaridade,

o estudo de conteúdos escolares separados da vida e das problemáticas contemporâneas, a separação entre cultura humanista e científica, a separação entre razão, emoção e corporeidade. Desta feita, compromete-se com a reforma do pensamento, a religação de saberes, a instauração da dúvida, do terceiro incluído, da relação entre teoria, prática e experiência do sujeito, educação que impulsiona o desenvolvimento intelectual, emocional, corporal e transcendental do estudante, favorecendo ao desenvolvimento de postura crítica, autocrítica, prospectiva e propositiva.

E nesse sentido, anuncia seu compromisso com a construção coletiva de um futuro mais democrático, justo e igualitário a partir de uma política de civilização e uma política de humanidade (MORIN, 2011). Visto que, pensar de modo transdisciplinar é pensar de forma articulada, religando conhecimentos, por meio de uma causalidade em espiral, multirreferencial, multidimensional, dialética e dialógica, que integre o todo e a parte, a unidade e a diversidade. “O pensamento transdisciplinar pauta-se em uma razão sensível, com atitude, emoção e intuição” (SUANNO, 2015, p. 184).

A Didática Sensível (D’ÁVILA, 2022), elaborada tendo como referência a Teoria Raciovitalista (MAFFESOLI, 2005) e a Complexidade (MORIN, 2007), valoriza a relação entre corpo e espírito, razão e sensibilidade, arte e ciência, um esforço por *associar* o sensível ao inteligível, por compreender que a sensibilidade é um tipo de inteligência associada à inteligência cognitiva.

Tal abordagem se orienta a partir de quatro princípios raciovitalistas, quais sejam: a) a *razão interna*, guiada por uma racionalidade aberta; b) o *pensamento orgânico* enquanto forma de interpretar os fenômenos com um olhar globalizante; c) a *intuição* como qualidade psicológica e sabedoria prenhe do inconsciente coletivo; d) o *saber sensível*, o qual possibilita sentipensar com a corporeidade, a imaginação e a intuição (D’ÁVILA; ZEN; GUERRA, 2020). Na Didática Sensível a ludicidade é um princípio formativo importante por oportunizar vivências plenas, de natureza subjetiva e por gerar ânima e bem-estar.

“A Didática Sensível objetiva um trabalho pelo e para o desenvolvimento de pessoas sensíveis, inteligentes, criativas, empoderadas intelectualmente, com sensibilidade social e senso crítico” (D’ÁVILA, 2022, p. 114). Assim, propõe-se que docentes ao planejarem suas aulas produzam estratégias didáticas sensíveis, lúdicas, críticas e criativas que intencionalmente associem e reconectem o sentir ao intuir, o metaforizar ao imaginar, o ‘experivivenciar’ ao problematizar, o ressignificar ao sintetizar e o criar ao recriar. De tal modo, buscam converter a sala de aula em um espaço de vivências, de estudo crítico e criativo, de partilha de histórias de vida e diálogo viabilizando assim, a escuta sensível e a razão aberta. Nesse intuito, valorizam

arte e metáforas como vias para poetizar e embelezar a relação com a vida ao captar o sensível e apreender os objetos de conhecimento.

A Didática Multidimensional Crítico-Emancipatória, de acordo com Pimenta (2022), oferece aos professores uma compreensão ontológica e epistemológica do objeto do seu trabalho pedagógico. A autora compreende a educação como direito, como formação da e para a cidadania, como acesso ao saber e a produção de conhecimentos, sendo fundamental para que os sujeitos possam ler o mundo e enfrentar as problemáticas contemporâneas. Para a autora, o conhecimento é resultado da atividade humana (coletiva e histórica) e se constrói em um processo de busca e de pesquisa com vistas à produção de compreensões, explicações e proposições para gerar as transformações necessárias por meio da práxis.

Nesse sentido, o conhecimento deve ser compartilhado por ser socialmente via de alteração das condições sociais de desigualdade, devem ser ensinados e reconstruídos pelos educadores e educandos, o que lhes possibilita vias para se tornarem autônomos, emancipados e questionadores. De tal modo, a finalidade do ensino e da aprendizagem, é a formação do pensamento crítico dos estudantes (PIMENTA, 2022).

A Didática Multidimensional Crítico Emancipatória (PIMENTA, 2021, 2022) ancora-se no materialismo histórico-dialético e nos conceitos de curiosidade epistemológica (FREIRE, 1997), multirreferencialidade (ARDOÍNO, 1992) e relação com o saber (CHARLOT, 2000). E o fazer didático se pauta em cinco princípios-orientadores, quais sejam: a) ensino por meio da pesquisa; b) diálogo na sala de aula; c) construção de mediação reflexiva; d) construção de processos de práxis e e) processos de redes de saberes.

Ensinar com pesquisa pressupõe assumir a pesquisa como princípio formativo e valorizar a “pesquisa como método de formação crítica” (MELO; PIMENTA, 2018, p. 61), com potencialidade emancipatória capaz de impulsionar mudanças nas concepções, no papel e na atitude do sujeito cognoscente a partir da curiosidade epistemológica que mobiliza a busca, a intencionalidade e a apropriação crítica do conhecimento. Nessa perspectiva, a multirreferencialidade é chave para leitura dos objetos de estudo em perspectiva plural e em diálogo com diferentes posicionamentos. Dada a complexidade das práticas sociais, compreende-se que a produção de olhares interdisciplinares e integradores pode possibilitar outras compreensões da realidade.

Em tal abordagem didática, diálogos críticos e problematizados podem incrementar as interações, trocas e interlocuções entre docentes e estudantes, bem como entre diferentes saberes, o que pode alargar as possibilidades de compreensão dos contextos sociais, culturais e políticos. Visto que, para Pimenta (2022), processos de ensino situados e contextualizados são

nutridos por diálogos críticos, escutas sensíveis, reflexões compartilhadas e mediações reflexivas que favoreçam a relações do estudante com o mundo, consigo mesmo e com o outro (CHARLOT, 2000). Intenciona-se um tipo de relação com o saber, que seja atividade intelectual produzida com sentido, prazer e esforço, e que, favoreça ao triplo processo de humanização, de socialização, de subjetivação- singularização.

A Didática Multidimensional valoriza a mobilização de uma rede de saberes para compreender, interpretar e questionar a realidade que é profusa, multifacetada, complexa e segue em constante movimento.

Considerações finais

A defesa do interesse coletivo, do bem comum e dos direitos universais para todos devem ser valorizados e protegidos em detrimento do afã individualista e consumista propagado pelo viés neoliberal. As perspectivas apresentadas nesse artigo posicionam em contraposição ao neoliberalismo, neotecnicismo e neoconservadorismo que afetam a sociedade, a educação e a didática.

A educação contribui na configuração da existência humana (individual, coletiva e planetária) e estabelece relação com a sociedade, a cultura e o mundo trabalho. De tal modo, estamos cientes que mudanças no campo educacional se dão em interface com as alterações nas relações de trabalho, bem como são motivadas pelo âmbito sociocultural e pelo campo das ideias, por meio de rupturas paradigmáticas e emergência de ontologias e epistemologias.

As pesquisas no campo didático seguem críticas, plurais e em movimento. E cada perspectiva, brevemente apresentada nesse artigo, apontam suas indignações e comprometimentos, assim como anunciam suas esperanças.

Referências

- ARDOÍNO, J. L'approche multireferentielle (plurielle) des situations educatives et formatives. Paris. INRP - Institut National de la Recherche Pédagogique. 1992, p. 103-130.
- CANDAU, V. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v.13, n. 37, 2008.
- CANDAU, V. Educação e didática crítica intercultural. Live **YouTube UFG Oficial**. 2021.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- D'ÁVILA, C. **Didática Sensível** - contribuições para a didática da educação superior. São Paulo: Cortez, 2022.

- D'ÁVILA, C.; ZEN, G.; GUERRA, D. Formação espectral: do pensamento complexo ao raciovitalismo na formação de professores universitários. **Polyphonía**, v. 31/1, jan.-jun. 2020 245-263p.
- D'ÁVILA, C. Didática Sensível. Live **YouTube UFG Oficial**. 2021.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- HESSEL, Stéphane. *¡Comprometeos!: ya no basta con indignarse*: conversaciones con Gilles Vanderpooten. Destino, 2011b.
- HESSEL, Stéphane. *¡Indignaos!* Um alegato contra la indiferencia y a favor de la insurrección pacífica. Prólogo José Luis Sampedro. Destino, 2011a.
- HESSEL, S.; MORIN, E. **O caminho da esperança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- MAFFESOLI, M. **Éloge de la raison sensible**. Paris: Editora La Table Ronde, 2005.
- MELO, G. F.; PIMENTA, S. G. **Princípios de uma didática multidimensional**: um estudo a partir de percepções de pós-graduandos em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 25, n. 2, abr./jun. 2018.
- MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução E. Lisboa. 3.ed. Porto Alegre: Sulinas, 2007.
- MORIN, Edgar. **La Vía. Para el futuro de la humanidad**. Barcelona: Paidós, 2011.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- PIMENTA, S. G. **Didática crítica perspectiva multidimensional emancipadora**: implicações para a escola básica. Live do Curso de Extensão ANDIPE, 2022.
- PIMENTA, S. G. Didática crítica: movimento de resistência ao neotecnicismo neoliberal. Live **YouTube UFG Oficial**. 2021.
- SUANNO, M. V. R. Entre brechas e bifurcações a didática segue em movimento e em contraposição ao neoliberalismo/neotecnicismo. **Cadernos De Pesquisa**, v. 29, n. 3, jul./set. 2022.
- SUANNO, Marilza V. R. **Didática e trabalho docente sob a ótica do pensamento complexo e da transdisciplinaridade**. Tese (Doutorado em Educação), pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, pela Universidade Católica de Brasília – UCB, Brasília-DF, 2015. 493 p.
- SUANNO, M. Mudar o atual caminho do capitalismo é cada vez mais improvável, porém não é impossível. In: LIBÂNEO, J. C.; SUANNO, M. V. R.; ROSA; S. V. L. (Orgs.) **Didática e Currículo**: Impactos dos organismos internacionais na escola e no trabalho docente. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico; CEPED Publicações, 2016. p. 95-130.
- SUANNO, Marilza V. R. **Formação de professores e didática emergente**. Plataforma Brasil CAAE: 56675222.2.0000.5083. Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG PI02868/2018-2023). Goiânia: UFG, 2018.
- SUANNO, Marilza V. R. **Campo didático em contraposição ao neoliberalismo e ao neotecnicismo: apontamentos sobre perspectivas interculturais, complexas, transdisciplinares e sensíveis**. Pesquisa desenvolvida em estágio pós-doutoral pela Universidade Federal do Tocantins. Edital N° 021/2020. Araguaína: UFNT, 2021.